

INFINITUDE E MEDIAÇÃO LÓGICA: O SER A CAMINHO DE SI MESMO NAS *LIÇÕES SOBRE A FILOSOFIA DA RELIGIÃO* DE HEGEL

INFINITUDE AND LOGICAL MEDIATION: BEING ON THE WAY TO ITSELF IN HEGEL'S LECTURES ON THE PHILOSOPHY OF RELIGION

Rodrygo Rocha Macedo¹

<https://orcid.org/0000-0002-4834-0528>

Resumo: A proposta deste artigo é estabelecer pontos de contato, quanto ao tema da infinitude, entre as obras de Hegel *Ciência da lógica* (1812-1816), a *Enciclopédia das ciências filosóficas* (1830) e as *Lições sobre a filosofia da religião* (1821-1831). A infinitude, na *Lógica*, apresenta-se como modo de resolução das oposições entre o ser e o seu outro, visto que cada um dos pólos dessa assimetria adquire a forma determinada de um finito. Para solucionar este conflito entre o ser e seu outro, é necessária a garantia de que tal determinação possa “perecer” e “passar” para outro finito, sem que tal processo de passagem seja interrompido. O horizonte infinito posto como uma possibilidade de mudança, neste contexto, asseguraria o resultado da suprassunção da passagem entre determinações do ser. O “perecer” de uma determinação finita para outra determinação (também finita) confirma a meta imposta ao ser: para unir-se a seu próprio nada, derivando em “ser-aí” e também ser para-si, o ser deve negar-se e, finalmente, juntar-se “consigo mesmo”. Nas *Lições sobre a filosofia da religião*, por sua vez, encontra-se a subseção “O conceito de religião”, que discute, entre outros tópicos, a relação entre finitude e infinitude. Tal vínculo é submetido ao conceito de “mediação” (*Vermittlung*), cuja “função” seria evidenciar os extremos “finito” (o ser humano) e seu “outro” (Deus) e, sequencialmente, conectá-los, condicionando-lhes assim a existência interdependente. A abordagem da infinitude pela perspectiva da *Filosofia da religião* se ampara no argumento de que a filosofia que trata de Deus ocorre no âmbito “lógico”. Serão discutidas na apresentação as condicionantes adotadas por Hegel na filosofia da religião sobre o tema da infinitude, que segue explorado na *Lógica*. Outrossim, será examinada a natureza da “mediação” no tópico do infinito.

Palavras-chave: Hegel, lógica, religião, infinitude.

Abstract: The article aims to establish points of contact, regarding the subject of infinitude, between Hegel's works *Science of Logic* (1812-1816), *Encyclopedia of the Philosophical Sciences* (1830) and *Lectures on the Philosophy of Religion* (1821-1831). Infinitude, in Logic, is presented as a way of settling the oppositions between being and its other, since each of the poles of this asymmetry acquires the determined form of a finite. To solve this conflict between being and its other, it is required to guarantee that such determination can “perish” and “pass” to another finite, without such a passing process being interrupted. The infinite horizon posited as a possibility of change, in this context, would ensure the result of the sublation of the passage between determinations of being. The “perishing” from one finite determination to another determination (also finite) confirms the goal imposed on being: in order to unite with its own nothingness, deriving in “being-there” and also being-for-itself, the

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), pós-doutorando na Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil. rodrygorochamacedo@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/7068081801417252>

being must deny itself and, finally, unite “with itself.” In the *Lectures on the Philosophy of Religion*, in turn, we find the subsection “The Concept of Religion,” which discusses, among other topics, the relationship between finitude and infinitude. Such link is submitted to the concept of “mediation” (*Vermittlung*), whose “function” would be to highlight the “finite” extremes (the human being) and its “other” (God), sequentially connecting them, thus conditioning their interdependent existence. The approach to infinity from the perspective of the philosophy of religion is based on the argument that philosophy dealing with God takes place in the “logical” realm. The presentation will discuss the conditions adopted by Hegel in the philosophy of religion on the theme of infinity, which is further explored in the *Logic*. Furthermore, the nature of “mediation” on the topic of infinity will be examined.

Keywords: Hegel, logic, religion, infinitude.

Introdução

O fundamento do movimento do ser encontra-se na exposição sobre a relação entre finito e infinito da *Ciência da Lógica* (1812-1816), precisamente no capítulo “O ser-aí”, componente da “Doutrina do Ser”. No citado capítulo, infinitude é compreendida como o modo de resolução das oposições entre o ser e o seu outro, na medida em que cada um dos pólos adquire a forma determinada de um finito. O conflito entre o ser e seu outro solicita a garantia de que tal determinação possa “perecer” e “passar” para outro finito, sem que tal processo de passagem seja interrompido (cf. HEGEL, 2016, p. 141)². De início, a exposição de Hegel exige, para a compreensão do finito, acatá-lo relacionando-se com o ser. Todavia, para compreender o infinito, a *Ciência da Lógica* indica a necessidade de adotar o infinito não apenas como infinito em relação a algo que tem fim, mas que o infinito só pode ser compreendido a partir de algo oposto a ele (neste caso, o finito). O infinito de Hegel pode ser alcançado, tal como revela a “passagem” do finito para o infinito na seção da infinitude da *Ciência da Lógica*. Entretanto, a menção à “passagem” é relativamente breve. É para o tópico da “passagem”, que possui poucos elementos descritos na *Ciência da Lógica*, que este artigo quer contribuir.

No intuito de compreender outras dimensões da acepção que Hegel deposita no termo “passagem”, o presente artigo recorre às *Lições sobre a filosofia da religião* de Hegel. Resultado das aulas que o filósofo ministrou na Universidade de Berlim em quatro ocasiões (1821, 1824, 1827 e 1831), a *Filosofia da religião* trata, sob o posicionamento especulativo, a

² *Wissenschaft der Logik I. Erster Teil. Die objektive Logik. Erstes Buch.* In: *Werke in 20 Bänden, Bd. 5*, p. 148. Doravante WdL-I.

relação entre os seres humanos e o divino, tendo como pressuposto o tratamento científico ao ponto de vista religioso. A religião, para Hegel, seria uma outra expressão da liberdade, plena de um “conteúdo universal” (HEGEL, 1984, p. 58)³. A religião de Hegel considera Deus como “verdade absoluta” que atrai o componente humano para um caminho de elevação, considerando um espírito humano finito que se direciona, em uma operação lógica, ao espírito absoluto (HEGEL, 1984, p. 251)⁴.

Portanto, a proposta do presente texto é explorar como a transposição entre finito e infinito, contida na *Ciência da Lógica*, é melhor compreendida com o auxílio de duas obras importantes de Hegel: a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (1830) e as *Lições sobre a Filosofia da Religião* (1821-1831) a partir de três tópicos. O primeiro discute o ser, o saber e as suas oposições intrínsecas como aspectos prévios da Lógica em torno do tema do infinito. O segundo tópico explora o infinito e o finito propriamente ditos. O terceiro tópico aborda as noções sobre “mediação”, acompanhada das considerações finais.

O ser e as oposições

A infinitude, constante na Doutrina do Ser, acolhe em si o correlato entre o ser e o saber. Hegel admite que o ser tem um início no saber, que é lógico, na medida do pensar livre para si, no “saber puro”. Mas esse pensar é “mediado” sob o fato de que o saber puro é a verdade última e absoluta da consciência (HEGEL, 2016, p. 71)⁵. O início já comporta dois opostos, pensar livre e saber puro, que não são iguais um ao outro. O importante aqui é que o próprio início, como “unidade não diferenciada” desses contrários, resulta no conceito da identidade da identidade e da não identidade, o que seria a definição mais abstrata do absoluto (HEGEL, 2016, p. 76)⁶. Assim, Hegel já indica o início do saber e do ser como portador de oposições que se mediam e unificam.

Quanto ao “início”, Hegel refere-se a ele como “ser puro” (HEGEL, 2016, p. 72)⁷, acolhedor do espírito absoluto, resultante em verdade suprema e “de todo o ser” que, ao exteriorizar-se com a liberdade, é transformado em algo que se vincularia ao seu próprio

³ *Vorlesungen über die Philosophie der Religion I: Einleitung in die Philosophie der Religion/Der Begriff der Religion*, In: *Vorlesungen. Ausgewählte Nachschriften und Manuskripte, Bd 3*, p. 62. Doravante VPhR-I.

⁴ VPhR-I, p. 266.

⁵ WdL-I, p. 67.

⁶ WdL-I, p. 74.

⁷ WdL-I, p. 68.

início (HEGEL, 2016, p. 73)⁸. Mais importante que o início seria a habilidade do saber (como ciência) em progredir dentro de si, no qual o último fosse o primeiro em si mesmo, e vice-versa, tornando-se um resultado (HEGEL, 2016, pp. 73-74)⁹. Impõe-se, entretanto, uma questão: para que o início se torne resultado, é necessária a progressão de uma determinação à subsequente, não apenas uma derivação, mas uma passagem para um “verdadeiramente outro”. A filosofia, como saber e ciência, para proceder a seu desenvolvimento, deve permanecer imanente às suas determinações ulteriores (HEGEL, 2016, p. 74)¹⁰. Como é possível, porém, esse desenvolvimento? Até onde se sabe, o início seria algo vazio e abstrato, sem conteúdo e universal. Mas não é assim que Hegel concebe esse início: o nada puro não pode ser o início, “mas um nada do qual algo deve sair”. Assim, o início já comporta em si o ser, como também o nada. Logo, o início é a unidade do ser e do nada, o ser que é e, simultaneamente, não é ser ao mesmo tempo (HEGEL, 2016, p. 76)¹¹. Vale, portanto, citar a passagem na qual Hegel conecta ser, início, saber e mediação:

Aqui o ser é o que inicia, apresentado como surgido por meio da mediação e, com efeito, por meio da mediação que é ao mesmo tempo a suprassunção de si mesma; com a pressuposição do saber puro como resultado do saber finito, da consciência (HEGEL, 2016, p. 72)¹².

O excerto acima indica que o saber absoluto contém em si a consciência que, tratando-se de um saber finito, media-se com a verdade para, assim, chegar a este saber. Não obstante, o ser, contido no início, precisa tornar-se algo. Este início abriga tanto o que o ser é, como o que o ser ainda não é. Assim, o início contém, ao mesmo tempo, o ser e o nada, que se vinculam em perene relação. Quando há uma mediação entre eles, tem-se a “existência”. Mas quando se estabelece uma “diferença” entre ser e nada, que resulta em um ser determinado, esta fissura resulta no “ser-aí” (HEGEL, 2016, pp. 96-97)¹³.

Possuindo qualidade, o ser-aí é chamado de “algo”. Sob outra exposição, o nada, distante de sua abstração e posto em si, é o próprio algo, mas no modo de ser-aí cuja realidade contém a negação (HEGEL, 2016, p. 119)¹⁴. A qualidade é implicada nesta negação conferida

⁸ WdL-I, p. 69.

⁹ WdL-I, p. 70.

¹⁰ WdL-I, p. 71.

¹¹ WdL-I, p. 73.

¹² WdL-I, p. 68.

¹³ WdL-I, p. 96.

¹⁴ WdL-I, p. 122.

ao ser-aí, o que posiciona o algo, mediado pelo nada, como resultado da suprassunção da diferença entre o ser-aí e seu caráter “fático”, entre a simplicidade do ser e esse suprassumir, levando-o à determinidade. Este, portanto, é o algo: o ser-aí enquanto tal (HEGEL, 2016, pp. 119-120)¹⁵.

Para Hegel, o algo é a primeira negação da negação em simples relação consigo. Este ser-aí, alerta Hegel, precisa negar-se para não restringir-se indefinidamente em sua determinidade. A contenção do movimento do ser (e do algo) é tão repelente à ordem do mundo, que nem mesmo a própria divindade, que paira sobre as particularidades, pode permanecer como universalidade fixa. O algo, possuindo certa realidade, não é mais uma determinação vazia (ou um conjunto delas), mas uma determinação abstrata (cf. HEGEL, 2016, p. 120)¹⁶.

O algo, como negativo do negativo, é o início do sujeito (ser para-si), que possui a mediação consigo mesmo (cf. HEGEL, 2016, p. 120)¹⁷. O algo, todavia, também é devir (ou “passar”), e isto faz com que ele não tenha mais apenas ser e nada como momentos. Hegel aponta admite que o ser, em seu primeiro momento, algo é ser-aí, mas no segundo momento, também “aquilo que é aí”. Esta passagem o torna em negativo do próprio algo, o seu “outro”, e um outro concreto (cf. HEGEL, 2016, p. 121)¹⁸.

As passagens acima coligidas da *Ciência da Lógica* permitem distinguir no ser, compreendido também como início, o resultado do processamento que vincula em si o saber e o pensar. O ser comporta em si também aquilo que ele ainda não é. Fundada na diferença, esta relação entre o que o ser é e o que não é completa-se no ser-aí.

A questão do ser e da sua autotransferência para o outro infinito é o eixo em torno do qual se movimentam as articulações do Manuscrito de 1821 das *Lições sobre a filosofia da religião*, cujo objeto, afirma Hegel, é o “absoluto” e da “verdade absoluta” que se encontram em Deus, “autossuficiente, incondicionado, livre, bem como o supremo fim último para si” (HEGEL, 1984, pp. 3-4)¹⁹. Deus, como tema central da *Filosofia da religião*, se articula e presentifica, no Manuscrito de 1821, em um movimento semelhante ao do ser em determinação de si. Isto pode ser melhor visualizado nos três momentos da religião: a) o conceito de religião, enquanto “pensamento puro” e “conteúdo metafísico” sob a perspectiva

¹⁵ WdL-I, p. 123.

¹⁶ WdL-I, p. 123.

¹⁷ WdL-I, p. 123.

¹⁸ WdL-I, p. 124.

¹⁹ VPhR-I, p. 3.

do espírito finito; b) a religião determinada, em que o espírito se “põe a si mesmo” em diferentes graus ou expressões de religião no decorrer da história humana; a religião consumada ou revelada, em que o espírito é consciente de si mesmo (cf. HEGEL, 1984, pp. 51-56)²⁰.

Ainda no Manuscrito de 1821, Hegel explica que Deus, na religião, possui “momentos lógicos” que dinamizam sua autodeterminação, indicando o “desenvolvimento” divino na mesma “necessidade lógica” que acomete a todo o universo (HEGEL, 1984, p. 131)²¹. Quer isto dizer que a *Filosofia da religião* se incumbe de mostrar, pela lógica, o caminho do ser determinado ao ser absoluto também realizado no âmbito da religião, mediado pela consciência e pela verdade. Tanto o saber (como modo subjetivo da consciência) como o pensar (movimento mediador que conduz a indeterminação ao determinado) resultam em conteúdos que repousam no ser (cf. HEGEL, 1984, pp. 159-161)²².

Todavia, o movimento do saber ao seu outro no terreno do ser não pode ser encerrado em si, visto que outras dimensões também incidem nesse mover-se. Tais conclusões prévias atestam um novo elemento, ou melhor, uma atividade que se opera no ser: a diferença incrustada no ser-aí transforma o ser e o nada em determinações, que são agora chamadas “finito” e “infinito”.

Finitude e infinitud

O finito é a determinação imanente ao próprio algo, cuja negação o constitui e limita, a partir da relação entre o algo e o outro (cf. HEGEL, 2016, p. 121)²³. No itinerário do ser-aí, a determinação no interior do ser resulta na negação da negação. O algo passa, nessa dupla negação, a ser reciprocamente um outro para o outro inicial (cf. HEGEL, 2016, pp. 121-122)²⁴. No interior do ser em busca de determinação, a linguagem é imprecisa, dada sua tentativa de enunciar universalidades abstratas, mas não o nome do objeto singular em suas determinações. A inabilidade da linguagem é patente em expressar o universal na singularidade (cf. HEGEL, 2016, p. 122)²⁵. O outro, contraposto ao algo, ao ser tomado em relação a si mesmo, não perfaz algo externo ao ser-aí, mas interno a ele (cf. HEGEL, 2016, p.

²⁰ VPhR-I, pp. 54-59.

²¹ VPhR-I, p.140.

²² VPhR-I, pp 168-171.

²³ WdL-I, p. 125.

²⁴ WdL-I, p. 125.

²⁵ WdL-I, p. 126.

123)²⁶. No processo de determinação, o outro adquire novos nomes para as suas oposições: natureza e espírito.

A determinação é a figura central entre o algo e o outro ao tornar-se resultado dessa relação, ainda que parcial. O algo se conserva no seu “não ser-aí”, relacionando-o com seu ser outro, contido no próprio algo, mas também separado dele como “ser para-outro” (cf. HEGEL, 2016, p. 123)²⁷ ou “negação da relação simples consigo” (cf. HEGEL, 2016, p. 124)²⁸. O ser que mantém certa relação de igualdade consigo para não se tornar uma completa desigualdade é o “ser em-si”, ou “relação negativa com o não ser-aí” (cf. HEGEL, 2016, p. 124)²⁹. Logo, há dois pares de determinações: algo e outro (em que há ausência de determinação); ser para-outro e ser em-si (conjunto de determinações que permanecem no ser-aí). O ser e o nada abandonam essa oposição e se tornam agora “nascer” e “perecer”. A diferenciação ocorre entre ser e não-ser, ou entre ser em-si e ser para-outro (cf. HEGEL, 2016, p. 124)³⁰.

O algo, sendo processado no par de determinações para-outro e para-si, se transforma em um em-si porque completou o circuito de afastar-se do ser para-outro e retornar para si (cf. HEGEL, 2016, p. 125)³¹. O ato de determinação do próprio conceito é apenas em-si, mas isso significa um “passar” (ou vir-a-ser). As determinações do algo e outro possuem doravante equivalência entre finito e infinito, porque estas também são determinações (cf. HEGEL, 2016, p. 126)³². O algo que já é em-si porque retornou de um para-outro começa a conter dentro de si o conceito, totalidade que é para si (cf. HEGEL, 2016, p. 140)³³.

Uma vez instalado no algo, o conceito “interfere” nas relações de oposição internas do ser-aí. A constituição do ser em ser-aí, por exemplo, ocorre quando algo se torna outro: esse algo se altera, mas a constituição conserva o algo anterior na alteração (cf. HEGEL, 2016, p. 129)³⁴. Essa é uma forma de não perder as determinações prévias que consistem no próprio algo em seu momento mais recente, uma vez que o silogismo liga constituição e

²⁶ WdL-I, p. 127.

²⁷ WdL-I, p. 127.

²⁸ WdL-I, p. 128.

²⁹ WdL-I, p. 128.

³⁰ WdL-I, p. 128.

³¹ WdL-I, p. 129.

³² WdL-I, p. 131.

³³ WdL-I, p. 146.

³⁴ WdL-I, p. 133.

determinação, cujo meio-termo é a “determinidade”, um momento e diferença qualitativa (cf. HEGEL, 2016, p. 129)³⁵. Essa determinidade é quem introduz o ser outro no ser em-si.

Dado que o algo nega o outro em si mesmo, ele se transforma no “cessar de um outro nele” (cf. HEGEL, 2016, p. 130)³⁶. Não obstante, o ser para-outro indica uma “comunidade indeterminada” de algo com seu outro, chamada “limite”. Como não-ser do outro, o limite afasta o algo de si mesmo. Uma vez que o não-ser está no algo, o algo é através do seu próprio limite (cf. HEGEL, 2016, p. 131)³⁷. Já a “inquietação” do algo ocorre no limite como a contradição que “propele” o algo para além de si mesmo. Nessa inquietação reside a dialética de algo tornar-se outra coisa (cf. HEGEL, 2016, p. 133)³⁸. Após apresentar a contradição, o limite e a inquietação, que doravante residem no ser, é o instante em que se pode expor o “finito”, “algo posto com seu limite imanente como a contradição de si mesmo, através da qual ele é apontado e impulsionado para além de si” (cf. HEGEL, 2016, p. 133)³⁹. A verdade do ser finito é o fim dele, como uma perda (cf. HEGEL, 2016, p. 134)⁴⁰. Assim como o finito é uma negação fixada em si, ele se confronta com seu afirmativo, deixando-se “levar no fluxo”. O entendimento, que fixa o conhecimento em determinações que impedem o movimento de progresso do ser, persiste na tristeza da finitude, tentando tornar o finito em algo perecível e absoluto (cf. HEGEL, 2016, p. 135)⁴¹. De certo modo, o finito, ao transformar-se em outro finito de si, consolida um “fim”, mas esta finalização, longe de implicar uma cessação do movimento, confirma uma continuidade quantitativa e qualitativa, que faz com que o finito ultrapasse seu próprio limite (cf. HOULGATE, 2022, p. 160).

A finitude, como explicado acima, é o algo com o “limite” em seu horizonte, que o torna contraditório, porque o finito, ao situar-se dentro do ser (algo), está continuamente em movimento para elaborar-se com o outro, modificando-se em um outro finito. Essa contradição imposta pelo ao finito aponta para um dever-ser que obriga o próprio finito a deixar sua finitude. Esse dever-ser transforma o limite em “barreira”, inseparável do finito, mas ao mesmo tempo um indicativo do próprio finito que mostra a sua necessidade de suprasumir (cf. HEGEL, 2016, p. 138)⁴². É no dever-ser que a finitude se encaminha à

³⁵ WdL-I, p. 133.

³⁶ WdL-I, p. 134.

³⁷ WdL-I, p. 136.

³⁸ WdL-I, p. 138.

³⁹ WdL-I, p. 139.

⁴⁰ WdL-I, p. 139.

⁴¹ WdL-I, p. 140.

⁴² WdL-I, p. 144.

infinitude, visto que no conceito, o infinito pode ser considerado a nova definição do absoluto, como ser e como devir. Contudo, o finito não está livre da delimitação e da finitude, uma vez que, enquanto processo, o infinito é verdadeiro (cf. HEGEL, 2016, p. 142)⁴³. O infinito também é, em sua verdade, negação da negação. Isto indica que o infinito não está pronto em relação ao finito. Aliás, Hegel não autoriza a chamar o infinito como conceito da razão, pois isso seria colocar o infinito fora do tempo. O infinito também é determinado, é determinação afirmativa (cf. HEGEL, 2016, p. 143)⁴⁴:

A finitude é, a saber, a barreira posta como barreira, é o ser-aí posto com a determinação de passar para seu ser em-si, tornar-se infinito. A infinitude é o nada do finito, seu ser em si e dever ser, mas este, ao mesmo tempo, como refletido dentro de si, o dever ser implementado, ser que se relaciona apenas consigo, ser inteiramente afirmativo. Na infinitude está presente a satisfação de que toda a determinidade, alteração, barreira e, com ela, o próprio dever ser desapareceu, está posto como suprasumido, como o nada do finito (HEGEL, 2016, p. 144)⁴⁵.

Dizer que a “infinitude é o nada do finito” é atestar a inseparabilidade de ambos na dinâmica do algo e do outro desencadeada no ser. O finito inexoravelmente é suprasumido no infinito, o qual, do ponto de vista da determinação, também se comporta como finito (cf. HEGEL, 2016, p. 145)⁴⁶. Tal relação, porém, não é instantânea, mas progressiva, havendo a descrição de um “processo do passar” do finito para o infinito. Para que isso aconteça, o limite entre ambos desaparece para que, assim, o infinito emerja no finito e vice-versa. O finito dissolve limites de vazio em vazio, até chegar ao infinito (cf. HEGEL, 2016, p. 146)⁴⁷, o qual não está mais além, mas presente (cf. HEGEL, 2016, p. 147)⁴⁸. Essa noção de “além” é extremamente prejudicial ao finito, a ponto de Hegel usar o nome “má infinitude” a este além. Ela se dá quando o infinito é compreendido apenas como uma instância mais adiante em relação ao finito. O contrário do mau infinito, que é não verdadeiro e inatingível, é o infinito presente e determinado.

Uma forma corrompida dessa relação entre finito e infinito é o “infinito finitizado” (cf. HEGEL, 2016, p. 150)⁴⁹, pois ela se dá no âmbito do entendimento. Enquanto processo, finito

⁴³ WdL-I, p. 149.

⁴⁴ WdL-I, p. 150.

⁴⁵ WdL-I, p. 151.

⁴⁶ WdL-I, p. 152.

⁴⁷ WdL-I, p. 154.

⁴⁸ WdL-I, p. 155.

⁴⁹ WdL-I, p. 159.

e infinito são apenas momentos um do outro. O finito tem uma relação de finitude consigo e com o infinito, quando o infinito tem uma relação de finitude apenas com o finito (HEGEL, 2016, p. 153)⁵⁰. Dessa forma, no infinito verdadeiro, o finito será apenas momento (cf. HEGEL, 2016, p. 155)⁵¹. A infinitude que suprassumiu a finitude é uma relação consigo mesmo é ser-aí que se denomina ser para-si (cf. HEGEL, 2016, p. 156)⁵².

A relação finito-infinito, na *Filosofia da religião*, se mostra na Lição de 1824 que o conhecimento a respeito de Deus repousa no significado da palavra “Deus” como o “infinito” e também o “outro do finito” (HEGEL, 1984, p. 176)⁵³. Para Hegel, a aproximação entre os extremos não implica uma anulação de um ou outro, mas, em consonância ao exposto na *Ciência da Lógica*, uma transformação, um tornar-se outro. Há, no contexto lógico da religião, uma relação entre finito (a consciência humana) e infinito (Deus) apresentada em três “pontos de vista”. O primeiro deles ocorre no finito que, vinculando-se ao outro, confirma sua finitude na dependência desse outro. Quer isto dizer que primeiro ponto de vista é o da humanidade natural portadora da consciência imediata (cf. HEGEL, 1984, p. 182)⁵⁴. O segundo ponto de vista é o da consciência múltipla da finitude, levando a uma reflexão parcial entre o finito e o infinito. A consciência humana, ao atestar a possibilidade de absorver uma multiplicidade de conhecimentos, reduzindo sua própria finitude, é que resulta em tal estágio reflexivo (HEGEL, 1984, pp. 184-185)⁵⁵. O terceiro ponto de vista é o da razão, no qual se encontra a “unidade” entre finito e infinito, que comporta em si a definição da Ideia. Nesse estágio, o finito compreende ser uma determinação que deve ser abandonada em vista do infinito (cf. HEGEL, 1984, pp. 193-194)⁵⁶. Esta renúncia de si garante o movimento operado entre finito e infinito e, por consequência, o agir da liberdade.

A *Ciência da Lógica* e as *Lições sobre a filosofia da religião*, ao compartilharem o percurso lógico do movimento do ser, concordam que a tensão implicada em dissipar a oposição entre pensar e saber, ser e nada, finito e infinito, preservando contudo o movimento que os pólos descrevem em direção um ao outro, implicam o operar da “mediação” como aplacamento da inquietude que os opostos incidem entre si. Faz-se necessário compreender

⁵⁰ WdL-I, p. 162.

⁵¹ WdL-I, p. 165.

⁵² WdL-I, p. 166.

⁵³ VPhR-I, p. 187.

⁵⁴ VPhR-I, p. 193.

⁵⁵ VPhR-I, p. 196.

⁵⁶ VPhR-I, pp. 204-205.

como tal operação soluciona os contrários e preserva o movimento do ser em direção ao absoluto.

Mediação: conciliação lógica dos opostos

A explanação sobre ser, nada, algo e outro é contemplada na *Enciclopédia*: a possibilidade de aproximação entre o ser e seu outro existe, uma vez que o nada, igual a si mesmo, é inversamente o mesmo que o ser (HEGEL, 1995, v. I, p. 183)⁵⁷. Dizer que o nada tem estatuto do ser é estabelecer uma igualdade entre termos não idênticos (HEGEL, 1995, v. I, p. 232)⁵⁸. Tal relação entre o ser e aquilo que é seu negativo é chamada de “essência” (HEGEL, 1995, v. I, p. 218)⁵⁹. A verdade do ser e do nada perfaz uma unidade chamada “vir-a-ser” (devir). Como resultado dessa unidade entre ser e nada encontra-se o “ser-aí” que, segundo Hegel, é “unilateral e finito” (HEGEL, 1995, v. I, p. 183)⁶⁰. O vir-a-ser é o primeiro pensamento concreto, fruto das proposições do entendimento, tendo por resultado o ser-aí, que é o ser com uma qualidade determinada. O ser-aí é o “algo”, cuja qualidade o determina como algo “que é”, contrapondo-o à negação (HEGEL, 1995, v. I, pp. 180-183, 185-187)⁶¹. Ao admitir que existe um nada que também é ser, Hegel preserva a negatividade e o movimento lógico de determinação do ser (cf. FERRER, 2006, p. 36).

O algo, em sua passagem para o outro, junta-se “consigo mesmo”. Essa relação para consigo mesmo mediante o outro seria a “verdadeira infinitude”. A negação da negação é o “ser-para-si”, a qualidade consumada, contendo o ser e o ser-aí como seu momento ideal. O ser-para-si é simples relação consigo mesmo, e enquanto ser-aí é determinado. Entretanto, a dinâmica de o algo tornar-se outro se estenderá “até ao infinito” (HEGEL, 1995, v. I, p. 189)⁶². A infinitude funciona como uma negação do finito, permitindo uma progressão do algo para “outro” (LÉONARD, 1974, p. 73). Mas é uma passagem da *Ciência da Lógica* sobre mediação que permite dar a devida ênfase que a *Enciclopédia* confere ao termo:

⁵⁷ *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (vols. 1-3)*. In: *Werke in 20 Bänden, Bd. 8-10*, § 88. Doravante Enz.

⁵⁸ Enz, § 118.

⁵⁹ Enz, § 111.

⁶⁰ Enz, § 88.

⁶¹ Enz, §§ 88-91.

⁶² Enz, §§ 93.

[...] não *existe* nada, nada no céu, ou na natureza, ou no espírito, ou seja lá onde for, que não contenha igualmente a imediatidade, bem como a **mediação**, de modo que essas duas determinações se mostram como *inseparadas* e *inseparáveis* e aquela oposição como algo nulo. Mas no que concerne à *discussão científica*, em toda proposição lógica ocorrem as determinações da imediatidade e da mediação e, então, a discussão da oposição e da verdade delas (HEGEL, 2016, p. 70, grifo nosso)⁶³.

A “mediação” relatada na *Ciência da Lógica* segue na *Enciclopédia* como “medida” (que procede imediatamente ao algo e se relaciona com a doutrina da essência), como a quantidade qualitativa, “um quanto ao qual está unido um ser-aí ou uma qualidade”. A “medida”, enquanto unidade da quantidade e da qualidade, é o ser completo. Por isso é dito, alude Hegel, que Deus é a medida de todas as coisas, e que na consciência religiosa dos gregos, a divindade da medida se encontrava em relação com o ético na figura da Nêmesis (HEGEL, 1995, p. 214)⁶⁴. A medida também tem a acepção de elemento intermediador, algo que consegue relacionar duas grandezas. Uma vez que o pensamento se dá em sua autonomia, a lógica é compreendida por Hegel como *organon*, instrumento de mediação e conciliação entre natureza e espírito (cf. FERRER, 2006, p. 57). Tal mediação conciliatória implica a reflexão. Dito de outro modo, na mediação o pensamento já deixou de ser imediato e indeterminado (LÉONARD, 1974, pp. 32-33). Hegel, ao abordar a efetividade, admite ser prudente uma recapitulação dos conceitos expostos até aquele momento:

Anteriormente se apresentaram, como formas do imediato, *ser* e *existência*. O *ser* é, em geral, a imediatidade não-refletida, e o *ultrapassar* para Outro. A *existência* é a unidade imediata do ser e da reflexão, portanto *fenômeno*; vem do fundamento e vai para o fundamento. O efetivo é o *ser-posto* daquela unidade, a relação que-veio-a-ser idêntica consigo mesma: está, portanto, subtraído ao *ultrapassar*, e sua *exterioridade* é sua energia; nem está [o efetivo] refletido sobre si; seu ser-aí é a *manifestação de si mesmo*, não de um Outro (HEGEL, 1995, p. 266)⁶⁵.

A mediação entre os contrários se dá pela possibilidade do movimento lógico. A passagem do algo ao outro, o trabalho de reflexão para o outro, o processo de negação e junção consigo, bem como a elaboração do devir, sustentam a possibilidade de movimento. Tal movimento admite a presença do espírito como dinamizador das relações de mudança entre ser, essência e conceito. Encontrar o espírito nas operações lógicas é demanda própria

⁶³ WdL-I, p. 66.

⁶⁴ Enz, § 107 Z.

⁶⁵ Enz, § 142 A.

ao debate da intersecção entre eticidade e religião, que se encontram na esfera objetiva e absoluta do espírito. Na seção “C - A Ideia”, Hegel mencionará que a ideia, como “o verdadeiro em si e para si, a unidade absoluta do conceito e da objetividade” (HEGEL, 1995, p. 348)⁶⁶, contempla ela própria um método. Porém, apenas o § 227 da *Enciclopédia* alude a esse método explicando ter ele a propriedade de evidenciar um universal concreto. A despeito de as páginas subsequentes ao § 227 não fornecerem mais detalhes sobre o método como uma forma de pacificar oposições, resta então arvorar-se na convergência entre o conceito e a ideia no “espírito”, explanado por Hegel como “ideia efetiva que se sabe a si mesma” (HEGEL, 1995, v. III, p. 11)⁶⁷. Nessa convergência, o conceito de espírito se produz como ideia ao seu ser-para-si (HEGEL, 1995, v. III, p. 15)⁶⁸.

A “mediação” ocorre nas *Lições sobre a Filosofia da Religião* no debate sobre como se dá o processo de unificação entre a consciência humana e a divina. A unidade entre as duas consciências se dá na descrição do movimento do espírito, no âmbito da religião, como “ideia absoluta”. De modo sumariado, a ideia, em seu itinerário de retorno a si, empreende a unidade de dois componentes seus, o finito e o infinito, através da verdade. Somente a verdade pode transformar a ideia em ideia absoluta conectando o finito com o infinito, o humano e o divino. A verdade é o espírito, e a mediação é esse trabalho espiritual.

Assim, a mediação recupera a necessidade do algo em ultrapassar o seu outro, ou do finito em superar, pelo dever ser, a sua barreira (limite), encaminhando-se ao absoluto. É disso que Hegel está falando quando, no âmbito da filosofia da religião, admite que o sujeito, acolhido no espírito, acessaria a verdade pela fé, tendo por pressuposto a reconciliação, e por potencial a unificação entre finito e infinito. Esta reconciliação Hegel chama de “mediação” (*Vermittlung*) (HEGEL, 1987, p. 239)⁶⁹. O espírito, nesse âmbito, tem importância lógica, dado que Hegel compara, na *Ciência da Lógica*, o “algo” com o espírito (HEGEL, 2016, p. 123)⁷⁰. Mais à frente, Hegel afirma que o espírito receberia a “luz” emanada do infinito (HEGEL, 2016, p. 142)⁷¹. Dado que a lógica está presente no âmbito da filosofia da religião, o espírito descrito existe em significado mais concreto como atividade. Mas o ser do espírito somente é imediato enquanto produz-se a si mesmo, tornando-se para-si. Este movimento ou

⁶⁶ Enz, § 213.

⁶⁷ Enz, § 379 Z.

⁶⁸ Enz, § 381.

⁶⁹ *Vorlesungen über die Philosophie der Religion III: Die vollendete Religion*. In: *Ausgewählte Nachschriften und Manuskripte, Bd. 5*, p. 256. Doravante VPhR-III.

⁷⁰ WdL-I, p. 126.

⁷¹ WdL-I, p. 150.

atividade é a mediação (HEGEL, 1984, p. 53)⁷². A autoprodução do espírito possui a mesma dinâmica do processo do que é e do que ainda não é no interior do ser. A concretude do espírito é a determinação exigida pelo movimento que o algo empreende junto com o seu outro, de modo a escapar da abstração:

Se considerarmos, pois, esta mediação em seu momento mais preciso, são apresentadas diferentes determinações a ser atravessadas: o ser-aí imediato, o ser-aí das coisas mundanas, e Deus. O ponto de partida é o finito; [...] (HEGEL, 1984, p. 297, *nossa tradução*)⁷³.

Deus, na filosofia da religião, equivale ao infinito, e tal como a Doutrina do Ser, implica-se nele um início. De modo a não restringir que o conhecimento sobre Deus seja uma relação entre a consciência de Deus com a consciência-de-si (ou, nos termos da lógica, entre o algo como para-outro e o algo que retorna do outro se torna em-si), mas que Deus se relaciona com algo imediato, na qual existe uma mediação, tal ocorre com a filosofia que, como saber mediado, é um saber finito acerca do infinito (HEGEL, 1984, p. 66)⁷⁴. Os conceitos possuem um espírito interior, o qual deve ser conhecido para afastar a afirmação incoerente de que a imediatidade é algo distinto da mediação (HEGEL, 1984, p. 75)⁷⁵. A primeira forma de religião se dá quando há uma consciência subjetiva para a qual existe um universal em si e para si que indica a “elevação dos seres humanos a Deus” (HEGEL, 1984, p. 80)⁷⁶. Pensar é a atividade mediadora ou universalidade mediada. É o negativo da afirmação, negação da negação. O pensar é mediação pela superação da mediação própria (HEGEL, 1984, p. 197)⁷⁷.

O infinito está compreendido como afirmação, mas a negatividade absoluta é mediação em si mesma no enfrentamento entre finito e infinito (HEGEL, 1984, p. 199)⁷⁸. O finito depende do outro, mas a mediação, como mediação do conceito (ou da razão), é mediação consigo mesmo. Tal mediação só é possível porque a existência de um (algo, finito) garante a existência do outro (sendo este outro o infinito) (HEGEL, 1984, p. 287)⁷⁹. A mediação revela a possibilidade, como processo, da unidade entre Deus e os humanos circunscrita à lógica:

⁷² VPhR-I, p. 56.

⁷³ VPhR-I, p. 314.

⁷⁴ VPhR-I, p. 71.

⁷⁵ VPhR-I, p. 81.

⁷⁶ VPhR-I, p. 87.

⁷⁷ VPhR-I, p. 209.

⁷⁸ VPhR-I, p. 211.

⁷⁹ VPhR-I, p. 304.

Agora o itinerário do desenvolvimento concreto, a filosofia, consiste nisto: que a *verdade* de tudo, conteúdo e o valor em si e para si, corresponda ao que denominamos ponto de vista religioso; [aquele] não precisa ter esse desenvolvimento – o da natureza e do espírito em geral; mas [permanecem] as oposições – o universal e a consciência-de-si singular, ou infinito e finito, unidade [e multiplicidade] – que são abstratas, e que não esgotam o que está contido na representação de Deus. Cada grau lógico constitui este tipo de desenvolvimento; p. e., “Deus é a essência absoluta”, ou seja, a essência lógica universal, a substância, “o sujeito absoluto” [...] (HEGEL, 1984, pp. 130-131, *nossa tradução*)⁸⁰.

A mediação tal como ela ocorre na citação acima, reúne os termos contemplados na Lógica sobre o tema: o desenvolvimento, o finito e o infinito, o absoluto. A natureza e o espírito também são mencionados na discussão da infinitude, ainda que em menor proporção. A mediação constata que o finito e o infinito são complementares: primeiro, porque eles compõem o ser; segundo, porque eles só podem associar-se porque eles compartilham de uma estrutura comum que os permitem relacionar-se; terceiro, porque o movimento do ser é implicado na possibilidade dessa passagem.

Considerações finais

Dizer que o absoluto é fruto da identidade e da não identidade, bem como afirmar a passagem de qualquer coisa para o “verdadeiramente puro” são o aceno de Hegel na *Lógica* para indicar que o infinito é também ele resultado de algo que considera uma tensão entre dois pólos, os quais se intermediam processualmente. A vinculação entre finito e infinito mostra o caminho processual que acomete ao ser e seus componentes constituintes internos. O infinito, para ligar-se ao finito, não pode ser algo inatingível, além, mas tão determinado como o finito. A vinculação entre estes extremos se encontra na “mediação”, a maneira como o finito reconhece seu limite e ultrapassa a barreira rumo ao infinito. E como a Lógica se trata de uma metafísica, as *Lições sobre a Filosofia da Religião* demonstram ser rica fonte para somar-se à *Enciclopédia* quanto à compreensão da *Ciência da Lógica* em mais detalhes. A “mediação”, abordada nas *Lições* quanto a interrelacionar a consciência humana com a consciência divina, contém a mesma dinâmica da passagem entre o finito e o infinito da *Ciência da Lógica*. Este aspecto evidencia o potencial de contribuição das *Lições sobre a Filosofia da Religião* nos estudos sobre Hegel em campos que ainda merecem atenção na pesquisa nacional, como é o caso da Lógica.

⁸⁰ VPhR-I, p. 139.

Referências bibliográficas

FERRER, Diogo Falcão. *Lógica e realidade em Hegel: a Ciência da Lógica e o Problema de Fundamentação do Sistema*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006.

HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser. 3. A Doutrina do Conceito* Trad. Christian Iber, Frederico Orsini et al. Petrópolis: Vozes, 2016-2018.

_____. *Enciclopédia das ciências filosóficas — em compêndio (1830)*. 3 vol. Trad. Paulo Meneses e colaboração de José Machado. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (vols. 1-3)*. In: *Werke in 20 Bänden*, Bd. 8. Revisão Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1970. (Enz)

_____. *Lecciones sobre filosofía de la religión: 1. Introducción y Concepto de religión*. Ed. e Trad. Ricardo Ferrara. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

_____. *Lecciones sobre filosofía de la religión: 3. La religión consumada*. Ed. e Trad. Ricardo Ferrara. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

_____. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion I, III*. Bd 3, 5. Revisão de Walter Jaeschke. Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 1983-1985.

_____. *Wissenschaft der Logik I-II. Erster Teil. Die objektive Logik. Erstes Buch. Zweites Buch. Zweiter Teil. Die subjektive Logik*. In: *Werke in 20 Bänden*, Bd. 5-6. Revisão Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.

HOULGATE, Stephen. *Hegel on Being, vol. 2: Quantity and Measure in Hegel's Science of Logic*. Londres: Bloomsbury Publishing, 2022.

LÉONARD, André. *Commentaire littéral de la Logique de Hegel*. Paris: Vrin, 1974.